



## REVISITANDO O “BANCO DE TEMPO E COMÉRCIO JUSTO: REFORÇANDO OUTRAS ECONOMIAS”

O projeto “Banco de Tempo e Comércio Justo: Reforçando Outras Economias”, desenvolvido por uma parceria entre o Graal e o CIDAC, com o apoio financeiro do Instituto Camões, está sintonizado com ideais e práticas de uma Outra Economia onde a justiça social e a solidariedade se sobrepõem aos interesses individuais e aos ganhos materiais.

O início deste projeto foi marcado por uma ação de sensibilização, no âmbito do Encontro Nacional do Banco de Tempo, no dia 28 de novembro de 2013, envolvendo 13 Bancos de Tempo e 35 participantes. Aí pensámos, em conjunto, o Banco de Tempo como parte de uma “Outra Economia” onde não há lugar para a acumulação, a exploração, a competição, a exclusão, o individualismo

utilitarista, a “fabricação” de necessidades que caracterizam o comportamento económico nas sociedades de mercado. Reconhecemos, naquele Encontro, o potencial transformador do Banco de Tempo e fizemos pontes com o Comércio Justo, um movimento que também se referencia a valores como a cooperação, a solidariedade, a igualdade, o compromisso com a justiça social e com a natureza.

### ENCONTROS REGIONAIS

Depois desta primeira ação, realizámos 4 Encontros Regionais do Banco de Tempo:

- Dois no **Algarve**, envolvendo os Bancos de Tempo do Sul do País (o primeiro em Quarteira, na Escola Laura Ayres, a 6 de dezembro e o segundo em Albufeira, no dia

14 de março, na Junta de Freguesia daquela Cidade);



- Um em **Lisboa**, no dia 28 de janeiro, na Associação dos Deficientes das Forças Armadas, envolvendo representantes dos Bancos de Tempo da Grande Lisboa e zonas próximas;



- Um em **Coimbra**, no dia 4 de fevereiro, no Instituto Justiça e Paz, envolvendo Bancos de Tempo do Norte e Centro do País;



Aqueles Encontros Regionais envolveram 56 pessoas ligadas às equipas dinamizadoras locais do Banco de Tempo e a 14 Bancos de Tempo diferentes. Os Encontros Regionais

foram oportunidades para sabermos mais sobre o Comércio Justo: aprofundámos os princípios e a história deste movimento, aprendemos a distinguir Comércio Justo dominante e Comércio Justo alternativo, refletimos sobre soberania alimentar e sobre as repercussões do que consumimos na vida de quem produz e no ambiente.

Nos Encontros Regionais também planeámos e organizámos os Encontros de sensibilização dos membros e comunidades do Banco de Tempo para o Comércio Justo e o Consumo responsável que decidimos chamar “Comércio Justo e Consumo Responsável, Podemos Fazer a Diferença?”. Ficou acordado que aqueles Encontros combinariam momentos participativos com outros mais expositivos, convidando-se organizações locais que abordassem, de forma prática, o tema do Consumo Responsável, trazendo propostas concretas e alternativas de produção e consumo. E foi assim mesmo que fizemos acontecer!

### ENCONTROS “COMÉRCIO JUSTO E CONSUMO RESPONSÁVEL, PODEMOS FAZER A DIFERENÇA?”

Em colaboração com Bancos de Tempo de diferentes partes do país, organizámos três Encontros de sensibilização dirigidos a membros do Banco de Tempo e suas comunidades, em:

- Lisboa, no dia 10 de abril, na sede da Associação Nacional dos Aposentados da Caixa;
- Quarteira, no dia 16 de abril, no Centro Autárquico de Quarteira;
- Aveiro, no dia 7 de junho, no Centro Cultural de Esgueira.

Na organização do primeiro Encontro, em **Lisboa**, contou-se com o apoio do Banco de Tempo dos Serviços Sociais da Caixa Geral de Depósitos.

Reuniu 32 participantes, ligados a 7 Bancos de Tempo (Serviços Sociais da CGD, Lumiar, Penha de França, Montijo, Santo António dos Cavaleiros, Cascais e Portela) e pessoas envolvidas na constituição de novos Bancos. O Encontro, à semelhança dos que se seguiram, teve início com a apresentação dos participantes e com o Jogo da Cadeia do Café. Neste Jogo os e as participantes assumiram o papel de diferentes atores de uma cadeia de produção e distribuição de café. Esta dinâmica, que suscitou animados debates, foi o ponto de partida para as intervenções de Stéphane Laurent (CIDAC), que permitiram o aprofundamento da consciência crítica às injustiças produzidas pelos sistemas de produção e comercialização dominantes e a identificação de alternativas de consumo. Stéphane Laurent (CIDAC) deu a conhecer, naqueles três Encontros, o Comércio Justo: a sua história, fundamentos, objetivos e práticas.

Contámos, no Encontro de Sensibilização de Lisboa, com a intervenção de Carolina Leão, da Cooperativa Mó de Vida que partilhou as suas reflexões sobre Soberania Alimentar e a experiência dos “Circuitos de Confiança”, levada a cabo pela Mó de Vida, uma iniciativa que aproxima pequenos produtores locais e 25 famílias, (re)construindo sistemas alimentares de proximidade.

Seguiu-se o Encontro em Quarteira, no qual participaram 33 pessoas, ligadas aos Bancos de Tempo de Quarteira e de Albufeira que apoiaram a organização deste evento. Contámos ainda com representantes da Câmara Municipal de Loulé, da Junta de Freguesia de Quarteira, da Fundação António Aleixo, da DECO e membros da comunidade.



Tivemos a oportunidade de, ouvir, neste Encontro a Sul, João Ministro, Coordenador do projeto Querença, que partilhou a experiência deste projeto de revitalização da Freguesia de Querença que, à semelhança de muitas outras regiões do interior, tem sido sujeita a um intenso processo de despovoamento.

Seguiu-se a comunicação de Priscila Soares, fundadora da Associação In Loco, que apresentou uma comunicação intitulada “Hortas Comunitárias e Circuitos de ligação direta Produtores – Consumidores: um pequeno contributo para um consumo mais responsável”, partilhando as reflexões e as experiência da in Loco no âmbito da iniciativa “a horta” – à mão de semear” e do Prove.

O terceiro Encontro de sensibilização realizou-se em Aveiro e na sua organização contámos com a colaboração do Banco de Tempo de Aveiro-Esgueira, formalmente inaugurado nesse mesmo dia. Este Encontro reuniu 60 participantes, membros e elementos das equipas dinamizadoras de 9 Bancos de Tempo do Norte e Centro do País:

Braga, Póvoa do Varzim, Foz do Douro, Ílhavo, Coimbra, Santa Maria da Feira, S. João da Madeira, Valongo e Aveiro.



Convidámos para intervir neste Encontro Elói Gomes, agricultor ligado à iniciativa PROVE, que veio acompanhado de um cabaz com legumes e fruta e falou da proposta, evidenciando as mais-valias desta iniciativa para os pequenos produtores e consumidores, que estabelecem entre si uma relação de proximidade.

Connosco estiveram também José João, da Casa do Sal e a D. Preciosa, da Terraplanta, de Penacova, pequenos produtores ligados à Rede Colaborativa do Mondego. Falaram-nos das potencialidades das Redes Colaborativas de Produção Local que favorecem a colaboração entre "nano produtores". De uma forma muito concreta, explicaram-nos como colaboram um com o outro, comprando e vendendo os produtos entre si e apoiando-se na distribuição.

### DIA MUNDIAL DO COMÉRCIO JUSTO

Neste Projeto, comemorámos também, no dia 10 de maio, o Dia Mundial do Comércio Justo, em Évora. Estas comemorações inscreveram-se no Encontro Nacional do Banco de Tempo, no qual participaram, para além da equipa coordenadora do Banco de Tempo de Évora, que co-organizou estas comemorações, representantes dos Bancos de Tempo de Abrantes, Quarteira, São João da Madeira, Santa Maria da Feira e Lousã e também dos Bancos de Tempo em

constituição do Alvito e do Montijo, num total de 40 participantes.

Pudemos ouvir as comunicações de Stéphane Laurent (CIDAC) sobre o Comércio Justo e as de Ana Fonseca (Universidade de Évora) e Cecília

Fonseca (Rede de Cidadania de Montemor-o-Novo / Univers. de Évora), que partilharam experiências e reflexões sobre a atividade da Rede de Cidadania, sobre a produção local e sobre o Banco de Terras.



Este projeto permitiu, em diferentes momentos, que as pessoas ligadas ao Banco de Tempo conhecessem e dialogassem com representantes de organizações e iniciativas que se demarcam de uma lógica mercantil e que partilharam as suas experiências e enriqueceram a nossa reflexão, trazendo temas tão essenciais como: a preservação da biodiversidade, esgotamento dos recursos naturais, a soberania alimentar, a valorização da produção e dos saberes locais, as relações entre consumidores e produtores, a desertificação do interior do país, a participação dos cidadãos e das cidadãs na condução dos destinos da comunidade...

